

PIGLIONE, Célia. Trabalho serve de modelo a outros países: recuperação de jovens viciados realizada em Campinas. Correio Popular, Campinas, 15 nov. 1987.

Trabalho serve de modelo

a outros países

Recuperação de jovens viciados realizada em Campinas

O trabalho de recuperação de jovens viciados em drogas que vem sendo desenvolvido em Campinas na Fazenda Dom Bosco, entidade que pertence à Sociedade de Apoio ao Menor (SAM), está chamando a atenção de instituições e governos de outros países. Como da Argentina, Paraguai e Alemanha, que já solicitaram à presidente da SAM, Conceição Aparecida Batista Marciano, o projeto sobre o trabalho feito atualmente com 14 menores que residem na minicomunidade da Fazenda Dom Bosco. Prefeituras de várias cidades do interior paulista e até mesmo de outros Estados também estão se interessando pela nova fase do projeto: depoimento dos jovens recuperandos em salas de aula, de forma a prevenir que outros jovens também entrem para o mundo das drogas.

A presidente da entidade, pedagoga e diretora de uma escola da rede municipal de Campinas, disse que devido a alta incidência de adolescentes que consomem drogas e como um meio de contornar a falta de espaço para receber mais jovens na Fazenda Dom Bosco, os

moradores da minicomunidade começaram a fazer palestras nas escolas. Dos 14 jovens que residem na fazenda, dois já estão recuperados e coordenam os trabalhos com os outros adolescentes de oito a 17 anos.

Conceição Aparecida Batista Marciano disse que a fazenda é o único desse tipo de local que recupera viciados sem o uso de medicamentos. "Nós baseamos na terapia de apoio, na oração e no trabalho". Para manter a minicomunidade funcionando, a Sociedade de Apoio ao Menor conta apenas com a ajuda de Cz\$ 4 mil destinados à alimentação dos moradores e que é proveniente da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (Feac). Agora, a esperança está junto ao governo alemão, através do qual a entidade conseguirá receber recursos para a construção de uma casa na fazenda e também verbas para a alimentação dos jovens, que sobrevivem de doações da comunidade e das suas famílias.

Receptividade

Tanto a pedagoga, quanto os jovens que ministram palestras dando seus depoimentos sobre como

entraram e saíram das drogas, avaliam que os testemunhos estão tendo boa receptividade, tanto por parte dos jovens, quanto de seus pais. O que eles estranham é que as autoridades e pessoas ligadas a programas de recuperação de viciados em Campinas não estão dando apoio, como está acontecendo em outros municípios onde eles falam sobre a realidade da qual estão saindo. Em Piracicaba e Pirassununga, onde recentemente grupos de moradores da Fazenda Dom Bosco realizaram palestras, as Prefeituras propiciaram toda ajuda de custo necessária para que eles pudessem se deslocar até aquelas cidades. "Em Campinas, recebemos apenas o apoio do secretário municipal da Educação, Enildo Pessoa, que pretende levar as palestras para todas as escolas municipais de primeiro grau".

Conceição Aparecida Batista Marciano acredita que a falta de incentivos da própria cidade se dá pelo fato de que essa é a primeira experiência desse gênero na cidade, com menores vindos até mesmo de outros Estados e não só de Campinas sendo que muitos pais

que sabem que os filhos são viciados, preferem esconder do que assumir, do que discutir o problema. E isso por considerarem o vício uma vergonha para a sociedade. Mas nas escolas, os jovens e até mesmo os pais fazem muitas perguntas para os meninos da Fazenda Dom Bosco, mandando tantos bilhetes que se torna impossível responder a todos. Temos até uma pasta com os bilhetes que ainda não foram respondidos", conta Conceição.



Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025353

PIGLIONE, Célia. Trabalho serve de modelo a outros países: cresce consumo de cocaína. Correio Popular, Campinas, 15 nov. 1987.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025354

Cresce consumo de cocaína

O consumo de cocaína no Brasil aumentou em 2.000%, somente este ano. O uso de drogas tem sido constatado em faixas etárias cada vez mais baixas, como em menores de 7 a 15 anos, consumidores de álcool. Esse é o primeiro passo para o mundo das drogas; o segundo é a maconha e o terceiro é o salto para a cocaína. No Brasil, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, existem sete milhões de dependentes de álcool, o que equivale à população de Portugal ou às do Paraguai e Uruguai, juntas. Embora muitos jovens não saibam, os vícios matam e as drogas têm letalidade maior que o uso de bebidas alcoólicas. Os tóxicos de uso injetável têm como adeptas pessoas predispostas a uma das mais assustadoras doenças: a Aids. E, o número de portadores do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida está aumentando entre os viciados, conforme levantamento feito pelas autoridades de Saúde Pública.

Esses fatos foram apresentados esta semana em Campinas pela deputada estadual Erci Ayala (PMDB), há 15 anos combatendo o uso de drogas e do álcool. Ela introduziu pela primeira vez na história da Assembleia Legislativa de São Paulo a questão das drogas, através da formação do Grupo de Trabalho para Estudo da Problemática Social do Alcoolismo e das Drogas. Pela sua atuação, foi convidada a participar da formação do Departamento Estadual de Narcóticos, ligado à Secretaria de Estado da Segurança Pública.

A deputada estadual esteve em Campinas para lançar uma campanha de prevenção e combate às drogas e ao álcool. Diante dos riscos em se contrair a Aids e de as drogas ma-

tarem mais do que o alcoolismo, ela orienta aos pais e viciados de que é importante existir o diálogo entre eles. A internação deve ser sempre o último recurso, afirma. Assim como vem acontecendo em Campinas, ela também está fazendo um trabalho de palestras com ex-viciados e recebeu do Governo do Estado a doação de uma fazenda, em local ainda não determinado, a fim de desenvolver um programa de recuperação de viciados, em regime de internato.

A recuperação, no entanto, não é o último passo dado para a reintegração do ex-dependente na sociedade. É preciso não haver a discriminação, o que é muito comum no meio social, disse a deputada estadual. E se por um lado a sociedade discrimina quem já fez uso de drogas ilícitas, como a maconha, não percebe que na comunidade existem pessoas viciadas em drogas lícitas, como remédios para emagrecer, calmantes e até xaropes para tosse, que levam à dependência e como consequência propiciam a falta desses medicamentos para quem precisa deles, para um tratamento de saúde, alerta Erci Ayala.

O trabalho de recuperação e integração sem discriminação, de acordo com ela, somente apresenta resultados quando há a participação das famílias. Do contrário, sem estímulo, em pouco tempo os jovens retornam ao mundo das drogas, buscando a companhia de quem também faz uso dos tóxicos e os compreende. Para evitar isso, uma das saídas é a família se mudar de bairro e até de cidade, para que o jovem não seja perseguido pelos fornecedores de drogas, disse Erci Ayala.

PIGLIONE, Célia. Trabalho serve de modelo a outros países: ex-viciado propõe sobriedade. Correio Popular, Campinas, 15 nov. 1987.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025355

Ex-viciado propõe sobriedade

“Não adianta procurar outra visão das coisas, da vida, através das drogas. O melhor jeito de enfrentar o mundo é viver sóbrio. Procurar drogas para ter um desempenho melhor em alguma coisa, só piora. Mas, para quem ainda não tem consciência disso tudo, só o futuro vai dizer, mostrar essa realidade”. Essa é uma mensagem de Henrique, 17 anos, para quem usa ou pretende largar as drogas. Antes de ir à Fazenda Dom Bosco, na cidade onde morava ele consumia maconha, cocaína, que eram as drogas que ele preferia, além de fazer uso de ácido”, barbitúricos e anfetaminas.

Nas palestras em que ele fala sobre sua vida, quando os jovens começam a fazer perguntas “o que mais marca é a que diz respeito ao relacionamento com a família, como meus familiares se sentiam em relação aos meus vícios. Quando a gente está em contato com as drogas, perde muito o relacionamento com a família, há um afastamento”. Sobre os principais motivos que o levaram a consumir tóxicos, ele disse que foram vários, mas o que mais pesou foi o fato de não gostar de ser ele mesmo. “No princípio, eu usava drogas por curiosidade, depois foi por não gostar de como eu era, me achava careta. Mas hoje acho que eu não poderia ser uma pessoa melhor do que eu sou. A gente vai aprendendo a encarar a vida e fica um lance normal”. Hoje, Henrique está em fase final de recuperação, segundo Conceição.

Primeiro relato

Os relatos dos jovens da Fazenda Dom Bosco têm impressionado adolescentes e adultos, ainda mais sendo o depoimento de uma criança de apenas oito anos. Jean, que veio de uma cidade do Interior paulista e que apresentou depoimento sobre sua vida pela primeira vez esta semana, durante uma palestra que aconteceu em Pirassununga. Maconha, cocaína, cola de sapateiro. Para conseguir essas drogas ele roubava, vivia pelas ruas, dormia nas ruas e peram-



Deputada Erci Ayala combate drogas há 15 anos

bulava drogado, brigando com quem quer que fosse. Por ser um menino de rua é que ele foi introduzido ao mundo das drogas, e do qual está saindo com a ajuda de outros jovens da Fazenda Dom Bosco, onde reside há pouco mais de um mês e meio. “Agora eu não quero mais usar drogas”, afirmou o menor.

Durante os relatos de suas experiências, os recuperandos da Fazenda Dom Bosco identificam as pessoas que também usam drogas, mesmo que elas não mencionem o fato. Mas essa experiência que está sendo levada até às escolas também têm um retorno aos adolescentes da entidade. Quem fala sobre isso é Fernando Macapá, já recuperado do vício. “Aqui na fazenda há um tipo de trabalho gratificante e se recebe todo tipo de apoio para se libertar das drogas. Na fazenda só entra quem realmente deseja largar os vícios. E, nas palestras, que fazem parte de todo esse trabalho, a gente fala a verdade, faz um trabalho de prevenção a outros jovens e, com isso, eu também me fortaleço cada vez mais”.

PIGLIONE, Célia. Trabalho serve de modelo a outros países: jovens contam experiências. Correio Popular, Campinas, 15 nov. 1987.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025356

Jovens contam experiências

Os meninos palestrantes e a presidenta da entidade dizem que os adolescentes que fazem uso de alguma droga são os que mais fazem perguntas durante as palestras. A maior parte delas é para esclarecer alguma dúvida ou para acabar com a curiosidade, disse Henrique, 17 anos, um dos jovens que é responsável pela organização das palestras. Em Campinas eles já falaram sobre suas vidas em 15 escolas e em outras cidades fizeram relatos para centenas de alunos e seus pais. Para as próximas semanas, eles já têm solicitadas seis visitas em estabelecimentos de ensino. Geralmente, depois que eles falam, os alunos perguntam o endereço da Fazenda Dom Bosco, ou o que se pode fazer para largar o vício depois de várias tentativas que não deram certo, bem como se quem larga as drogas continua apresentando os sintomas mesmo depois de algum tempo.

As perguntas são das mais variadas. Por exemplo, se quem é viciado morre mais cedo ou envelhece mais rapidamente em relação a quem não usa drogas. "Quem lhe incentivou a usar drogas?" Essa é uma das perguntas que eles enfrentam. "Como a pessoa pode ficar viciada: fumando

pouco ou não?". "Você seria capaz de conduzir um amigo para o mundo das drogas, a fumar maconha?". "O que o Governo pode fazer para melhorar a situação?". "Até que ponto as drogas afetam o desempenho sexual?". E, enquanto os jovens esclarecem suas dúvidas, os pais dos adolescentes que fazem uso de drogas perguntam aos recuperandos sobre o comportamento de quem é viciado e o que devem fazer ao descobrir que o filho é toxicômano.

Segundo Henrique, jamais deve existir repressão. "Os pais devem é dialogar, de forma aberta e franca com o filho que entrou para o mundo das drogas. Muitas vezes isso se torna bastante difícil, pois há famílias em que nunca houve diálogo entre pais e filhos. Nesses casos, o jovem estranha a conversa, vinda de repente, e os pais têm que ter muita paciência com o filho viciado. Devem mostrar o caminho da recuperação, esclarecer todas as dúvidas e oferecer toda e qualquer ajuda possível".

Um outro jovem que mora na Fazenda Dom Bosco e já está recuperado, Fernando Macapá, 25 anos, afirma que "o sanatório é o caminho errado".